

\* vindimas

# O SUL a DOIS TEMPOS

Está terminada a vindima deste ano. Este mês fazemos um apanhado do que aconteceu na região Sul de Portugal, abaixo do Tejo. Na próxima edição trataremos da região a norte do Tejo.

TEXTO *António Falcão e Luís Francisco* \* FOTOS *Ricardo Palma Veiga*

Dia 20 de Setembro, vindima numa vinha de Verdelho na região de Lisboa. O dia até estava soalheiro e convidativo. Mas os cachos tiravam muito do prazer da vindima. Metade, ou mais, tinham significativos índices de podridão. A tesoura de poda e algumas sacudidelas ajudavam a separar os bagos podres mas uma vindima assim demora mais do dobro do tempo. Cachos são e limpos eram muito poucos.

A água que tinha chovido acabou por encher os bagos do Verdelho e estes acabavam por abrir fissuras, expondo-se imediatamente à podridão. Para felicidade do produtor, uma boa parte das uvas já estava dentro da adega nessa altura, mas muitos outros não se podiam dar a esse luxo. Uma cooperativa desta região, por exemplo, tinha começado a receber uvas três dias antes! Em plena chuva!

## SOB O SIGNO DA ÁGUA

O maior pesadelo de qualquer vindima — a chuva — atacou muitas vinhas portuguesas sem dó nem piedade. Uma chuvinha depois de um Verão seco e quente até costuma produzir excelentes resultados. Mas este ano o Verão foi dos mais tépidos de que há memória e o Setembro foi dos mais chuvosos de sempre. Segundo dados do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), tivemos este ano o quinto Setembro mais chuvoso desde 1931. Em algumas zonas — Lisboa, Península de Setúbal e Évora — foram batidos recordes absolutos de precipitação. Em Lisboa e Setúbal choveu cinco vezes mais do que a média, em Évora quadruplicou-se o valor de referência. Nas estações de Alcácer do Sal e Barreiro/Lavradio, a discrepância foi ainda mais avassaladora: choveu sete vezes mais em Setembro do que a média das últimas décadas.

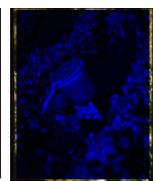
Vindimas e chuvas persistentes em Setembro é uma combinação pouco auspiciosa. Tal como em outras vindimas, quem conseguiu colher entre das chuvas conseguiu belíssimos resultados; quem não

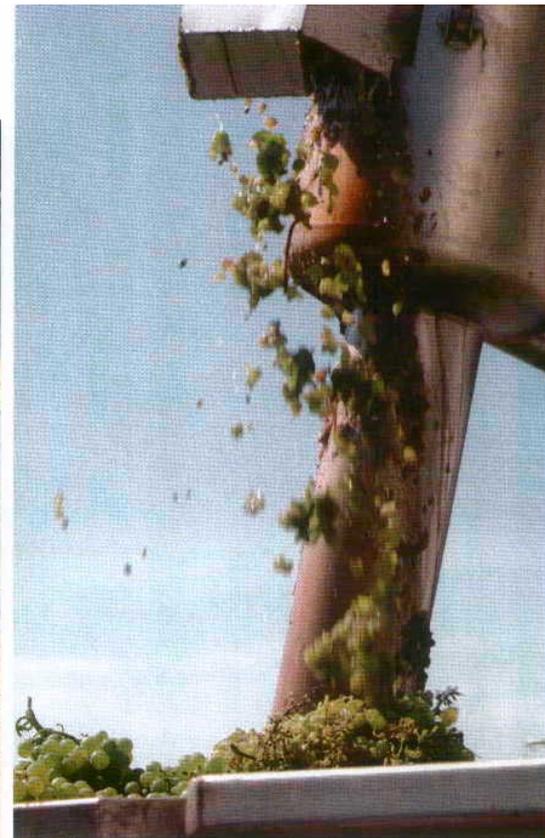
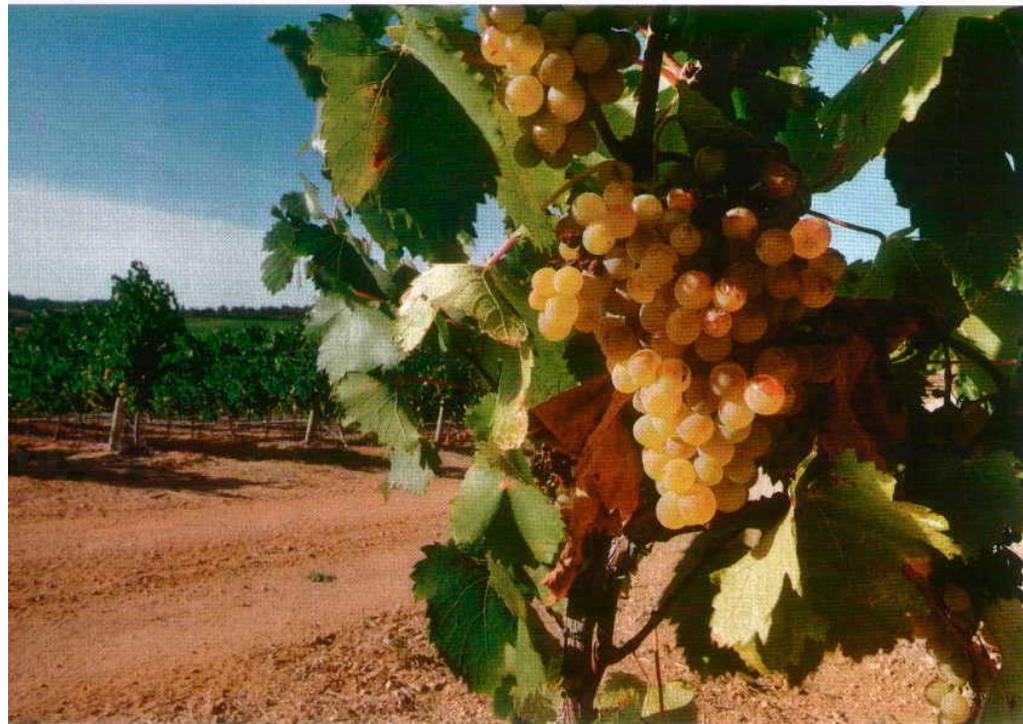
conseguiu teve problemas mais ou menos graves, consoante os sítios em particular, as castas e, claro, alguma sorte. Vejamos o balanço, região a região.

## TEJO E LISBOA COM SORTES DIFERENTES

As duas regiões que estão quase lado a lado tiveram sortes diferentes: em Lisboa, com as vindimas geralmente mais tardias, a chuva fez estragos substanciais. No Tejo as coisas correram bem melhor...

Na região de Lisboa, Vasco Avillez, o presidente da respectiva CVR, reconhece que a chuva não foi nada boa para a região mas adianta que, como só cerca de 30 por cento do vinho é certificado, esse conjunto deverá manter-se num bom patamar de qualidade. Vários produtores privados que privilegiam a qualidade e têm vinhos nos segmentos mais altos conseguiram boas vindimas. Dois exemplos, entre vários: Quinta do Monte d'Oiro e Chocapalha, com maturações mais rápidas devido a menores produções unitárias, vindimam mais cedo e têm maior flexibilidade na altura da colheita. Os maiores produtores, como foi o caso das cooperativas do Oeste, passaram, no geral, por dificuldades. "Em vários casos houve uvas que foram para destilação ou outros fins que não o vinho", confessa Vasco Avillez, que acrescenta: "Foi um ano muito difícil." No geral, a região como um todo deverá ter perdido 20% da sua produção normal de vinho, baixando de 1 milhão de hectolitros para 800.000. Logo ao lado, na região do Tejo, há muito mais sorrisos. João Silvestre, director-geral da CVR do Tejo, confirmou o balanço positivo: "O Tejo vindima normalmente cerca de um mês antes de Lisboa e quando a chuva começou a cair já tínhamos uma grande parte das uvas nas adegas." Os brancos, considerou este executivo, estão "excelentes": "Já temos vinhos certificados e a câmara de produtores tem dado notas altas a vinhos com muita fruta e excelente





## Paulo Laureano, produtor e enólogo, diz que nunca teve uma vindima tão boa como este ano na Vidigueira

acidez." Quanto aos tintos, João Silvestre considera que foi "um ano bom a muito bom".

O Tejo, contudo, não se salvou de uma quebra de produção: os números finais ainda não estão apurados mas deverá situar-se entre os 5 e os 10% face ao ano anterior. Em suma, João Silvestre resume o que se passou na região: "Não fosse a chuva de Setembro ter afectado algumas uvas, teríamos no Tejo um ano excelente; assim ficámo-nos pelo muito bom."

### SETÚBAL: OS MELHORES BRANCOS DE SEMPRE?

Regra comum a várias outras regiões do Sul de Portugal, na Península de Setúbal a vindima pode dividir-se em duas: antes da chuva e depois da chuva. Com "95 por cento das uvas brancas já colhidas" quando chegou o mau tempo, Henrique Soares, presidente da CVR local, diz que por aí não houve "problemas" e está optimista sobre a qualidade dos vinhos deste ano. Uma visão corroborada e até reforçada pelo enólogo Jaime Quendera, que deixa mesmo uma ideia forte: "Os brancos deste ano serão provavelmente os melhores de sempre!"

Uma meteorologia marcada pela suavidade do Verão deu aos vinhos uma frescura e uma acidez que não são usuais nas regiões meridionais de Portugal. O mesmo vale para as castas tintas, mas aqui a maturação mais tardia trouxe algumas complicações quando chegou a chuva. Ainda assim, Jaime Quendera diz que a vindima "só foi má mesmo no fim". "Ao princípio as uvas vinham boas, apesar da chuva", explica o enólogo, enquanto Henrique Soares informa que "a maior parte das empresas guardou essas uvas afectadas à parte".

Espera-se para esta campanha uma subida de cerca de 20 por cento da produção face a 2013 (que foi um ano fraco) – "e até pode ir além desse valor", avança Henrique Soares. O elevado grau de mecanização da vindima na região, a capacidade de resposta das

adeegas e o acesso a previsões meteorológicas de médio prazo, foram, no entender de Jaime Quendera, os argumentos principais dos produtores da região para escaparem a maiores perdas causadas pela chuva. "Na Adega de Pegões trabalhou-se pela primeira vez a um domingo. Sabíamos que vinha chuva na terça ou na quarta e pusemos mãos à obra. Só nesse dia recolhemos 500.000kg de uva..."

### ALENTEJO E ALGARVE... SORRISOS

Quem se saiu ariosamente foram sobretudo os produtores das regiões mais quentes e secas. Leia-se sul do Alentejo e Algarve. Por aqui, salvo raras excepções, a vindima foi extraordinária. No sul do Alentejo, quando começou a chover quase todas as uvas estavam na adega e o Verão ameno e com inusitadas amplitudes térmicas (chegava a fazer algum frio à noite) trouxe uvas maduras mas cheias de acidez e frescura.

Paulo Laureano, produtor e enólogo, diz que nunca teve uma vindima tão boa como este ano na Vidigueira: "Os mostos estavam muito harmoniosos, aromáticos. Nem uma vez tivemos mais de 40 graus na Vidigueira, uma situação rara." Duarte Leal da Costa, da Ervideira, confessa igualmente o "muito gosto" que lhe deu "entrar na adega": "Os mostos estão muito perfumados."

Por outro lado, Paulo Laureano adianta que este foi um ano exigente no que se refere à viticultura, mesmo no Alentejo. Com índices de humidade anormalmente altos para a região, quem não soube proteger as vinhas dos fungos (oídio e mildio) arriscou-se seriamente a ter quebras na produção.

No entanto, no Alto Alentejo as coisas não correram tão bem: aqui as vindimas são um pouco mais tardias e algumas vinhas apanharam as chuvas. Curiosamente, choveu mais nas cotas baixas e menos nas terras altas da serra de S. Mamede. Pelo menos num produtor da região de Portalegre, no sopé da serra, chegou a vindimar-se debaixo de oleados, perante a persistência da chuva. As castas brancas, mais rápidas a atingir a maturação, estavam recolhidas quando o mau tempo se instalou, mas as tintas sofreram o impacto da meteorologia.



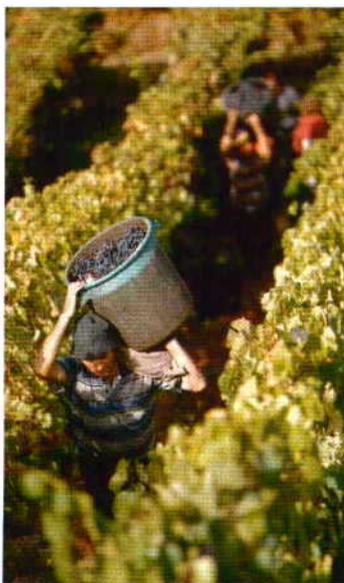
Dora Simões, presidente da Comissão Vitivinícola Regional Alentejana (CVRA), acredita que os males maiores foram evitados. “Vai ser um ano bom; mais de metade da vindima estava feita quando começou a chover. Será um ano muito bom para brancos... e para tintos também!” A expectativa aponta para uma estabilização da produção à volta dos valores do ano anterior, “entre os 100 e os 110 milhões de litros”.

No Algarve também não existiram grandes problemas. Com as vindimas a serem realizadas de Julho (!) até inícios de Setembro, as uvas estavam quase todas nas adegas antes das chuvas. Carlos Garcias, presidente da CVR do Algarve, adianta que a qualidade geral do vinho certificado (cerca de 600.000 litros) “é bastante boa”, embora não estejamos perante “um ano de excelência”.

Surgiram focos de oídio e míldio em Junho e Julho, assim como alguns problemas de maturação antes da vindima. Poucas foram, no entanto, as uvas apanhadas pelas chuvas. Carlos Garcias confessa que “os brancos estão muito bons e vão continuar a ser o ex-libris da região”. No entanto, admite que, no global, possa ter havido alguma quebra de produção, especialmente no vinho não certificado.

#### UMA VINDIMA... MISTA

Apesar da chuva, e tal como em outros anos, os produtores/viticultores em zonas mais desfavorecidas mas com muito saber e boas práticas de trabalho acabaram por salvar muita uva. Destes podemos esperar belos vinhos. Quem não teve hipótese de se defender – por azar, descuido, falta de dinheiro ou qualquer outra razão – pagou a factura. Mas, no fundo, no fundo, a verdade é que a vindima na zona sul de Portugal deverá trazer grandes vinhos de 2014, aos enófilos. Alguns mesmo excelentes. Só nos falta esperar por eles.



68

### 68 Vindimas... à chuva

2014 não ficará na memória dos produtores de vinho como um grande ano. O maior culpado foi a chuva, que começou a cair impiedosamente em Setembro, no momento em que a maioria dos viticultores estava a vindimar, ou para lá caminhava. Mas há formidáveis exceções...

